

## AS NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA EJA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E (RE)ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

Fabrcia Sales Araujo Vieira<sup>1</sup>

*Resumo:* Esta pesquisa intitulada As Narrativas dos Sujeitos da EJA Como Instrumento de Formação e (Re)organização Metodológica, será desenvolvida na cidade de Salvador, em salas de aulas de EJA I (Ensino Fundamental I), em escolas situadas em bairros periféricos da cidade, sobreviventes ao desmonte da EJA e que ainda ofertam a modalidade. Pretende-se investigar as práticas pedagógicas realizadas nas salas de aula da EJA (Educação de Jovens e Adultos), observando quais dispositivos podem ser revisitados nas práticas pedagógicas dos educadores, no sentido de fortalecer a as metodologias utilizadas na sala de aula. Assim, tratando-se de um trabalho investigativo amplo com os sujeitos e o lócus da pesquisa, de caráter subjetivo, a investigação será conduzida pela abordagem qualitativa, com ênfase na pesquisa (auto)biográfica e metodologia colaborativa. No primeiro momento, um estudo das trajetórias de formação dos educadores e das vivências dos educandos da EJA, através de entrevistas biográficas. E no segundo momento, após a constatação das práticas pedagógicas da EJA, utilizarei a pesquisa colaborativa para desenvolver um trabalho de formação com esses educadores, com destaque a desenvolver práticas pedagógicas que possam contribuir com aprendizagem dos estudantes da EJA. Como aporte teórico inicial, traremos contribuições de Arroyo (2001), Delory-Momberger (2012), Freire (1983, 1996), Garrido; Fusari; Moura; Pimenta (1998; 2000), Imbernón (2001), Nóvoa (1992; 2010), Pereira (2015), Souza (2015), Tardif (2002). Dentro desse processo de aprendizagem e formação, os educadores detêm a responsabilidade de orientar e direcionar o aprendizado,

---

<sup>1</sup> Pedagoga, Mestre e doutoranda em Crítica Cultural/Linha 2 — UNEB II. Endereço eletrônico: fabriciasalesaraujovieira@gmail.com.

para isso mune-se de práticas, instrumentos pedagógicos e métodos de ensino. Assim, busca-se também como se dá o processo educativo formativo dentro da sala de aula. Contudo, mesmo perante práticas metodológicas e instrumentos diversos nem sempre se pode garantir aprendizagens qualitativas para esses sujeitos, espera-se que este estudo possibilite para esse público um olhar atencioso para tais práticas revitalizando-as em favor da EJA.

*Palavras-Chave:* Narrativas. Formação. Práticas.

## INTRODUÇÃO

Enquanto pesquisadora, penso que pesquisar na EJA<sup>2</sup> é um privilégio, diante da riqueza e do aprendizado que essa modalidade de ensino traz intrínseca, contudo, como é de nosso conhecimento diversos motivos contribuíram ao longo da história com a ausência de olhares para os seus sujeitos. Diversos aspectos como: falta de investimentos, desvalorização; formação inadequada dos profissionais; inexistência de recursos; descumprimento da legislação, porém, o que, me impulsiona enquanto pesquisadora da EJA é à identificação com essa modalidade de ensino, que se faz presente desde o início da minha profissão quando me formei no magistério (hoje Ensino Médio) e em seguida fui trabalhar com os jovens e adultos, onde permaneço até hoje.

Dentro da Linha de Pesquisa 2: *Letramento, Identidades e Formação de Educadores*, percebo a possibilidade de estender este estudo e dar continuidade a minha investigação, durante o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, pesquisei os sentidos e os saberes (auto)biográficos docentes dentro do processo de formação continuada na EJA. Após a conclusão dessa etapa, consigo perceber a necessidade de prolongar mais essa

---

<sup>2</sup> Educação de Jovens e Adultos.

investigação associando-a ao trabalho docente e a (re)organização metodológica desse educador da EJA.

Tendo em vista que o processo formativo contínuo do educador ocorre ao longo de sua existência e em todas as instâncias e etapas da sua vida, então além de compreender e ter consciência do seu processo formativo, o educador deve utilizar-se desse aprendizado constante para rever seus processos e escolhas metodológicas, tendo em vista as especificidades do público e de cada um de seus educandos da EJA.

Para realizar esses ajustes metodológicos dentro da EJA, é necessário sensibilidade, diálogo, escuta, observação e vontade de fazer a EJA continuar acontecendo, diante das dificuldades enfrentadas ao longo de sua história e com a Pandemia da Covid-19<sup>3</sup>, cada vez está mais difícil manter a EJA viva e atuante. Então, proponho em minha investigação um estudo que envolva todos os sujeitos da EJA no Ensino Fundamental I da Educação Básica, professor e aluno, onde ambos sejam protagonistas no processo, que utilizem suas histórias de vida e narrativas como elementos primordiais para avaliação, revisão, (re)organização metodológica do processo de ensino e aprendizagem dos educandos jovens, adultos e idosos, para que o mesmo seja significativo para cada um deles e continue propiciando a esses protagonistas a possibilidade de reconhecer-se como elementos essenciais do seu processo de aprendizagem e formação enquanto sujeitos.

## **EJA: SUJEITOS, FORMAÇÃO E PRÁTICA**

A Educação Brasileira não é simples de avaliar, pois as circunstâncias que a envolve são diversas e os princípios que a

---

<sup>3</sup> A pandemia de Covid-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso de Covid-19, uma doença respiratória causada pelo corona vírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2).

perpassam são instrumentos de leis, políticas e programas instituídos por ações do governo. O surgimento da Educação de Jovens e Adultos no Brasil emergiu como possibilidade da qualificação da mão de obra, com perspectivas ao atendimento da demanda da indústria, que prezava apenas a função de preparar indivíduos que procedessem da mesma forma que “máquinas”, sem nenhum tipo de questionamento, numa total ausência de senso crítico.

Nesse cenário, a única proposta que prezava uma educação que formasse sujeitos críticos foi pensada e desenvolvida pelo educador Paulo Reglus Neves Freire, que foi lacerada pelo regime militar. Paulo Freire educador pernambucano, criador do Método de Alfabetização intitulado Método Paulo Freire de alfabetização de adultos, deu origem a experiências freirianas que foram desenvolvidas nas escolas por educadores, porém não eram valorizadas pelo governo, devido ao desinteresse com o tipo de formação ofertada a sua mão de obra.

Na concepção de Paulo Freire, a educação é um processo e necessitaria corresponder à formação íntegra, global do ser humano, denominada por ele de “preparação para a vida”, com composição de valores, vinculados a uma proposta política de uma pedagogia libertadora, essencial para a estruturação de uma sociedade mais justa e igualitária:

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser (FREIRE, 2002, p. 193).

Assim sendo, a EJA deve empenhar-se, incessantemente, vincular processos de aprendizagem que ocorrem em todos os espaços sociais de formação, na família, na convivência humana, no mundo do trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, em

entidades religiosas, na rua, na cidade, no campo, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, nas manifestações culturais, nos ambientes virtuais, multimídia etc. Contudo, deve inquietar-se em analisar tais processos resultantes da experiência e da ação inteligente de sujeitos na sociedade, responsáveis por criar estratégias didáticas que valorizem e ampliem tais conhecimentos. No ambiente institucional da escola, esse papel é desempenhado pelo educador, responsável direto por promover um espaço de trocas de conhecimentos que permitam aos sujeitos em formação no caso dos alunos jovens, adultos e/ou idosos, partilhar suas vivências, possibilitando ao educador conhecer o seu aluno e promover estratégias para um ambiente de aprendizagem mútua e o mais importante, com qualidade para ambas as partes envolvidas no processo formativo.

Contudo, o grande desafio para os educadores é ter a consciência que seu processo formativo, assim como o do seu aluno ocorre também durante a sua prática pedagógica, nas trocas de saberes, diálogos, narrativas, casos, vivências. Conscientizar o aluno da EJA desse processo (auto)formativo e por fim (re)adequar, (re)organizar sua metodologia para acontecer a aprendizagem desses alunos. Para o educador operacionalizar esse caminho não é tarefa fácil, devido a diversos aspectos, inclusive a resistência de muitos educandos da EJA que só acreditam que aprendem se copiarem do quadro, não gostam de aulas diferentes do tradicional ou de quando frequentaram a escola.

Enquanto pesquisadora e profissional busco realizar um trabalho criterioso, responsável e respeitoso com essa modalidade. Os profissionais que atuam nas classes de EJA vivenciam várias situações que a negligenciam do pondo de vista governamental, mas, também do ponto de vista dos educadores que se comprometem a fazer parte dessa história cheia de obstáculos que é a educação dos jovens adultos e/ou idosos, porém, partilham

uma visão de EJA incoerente, onde não a reconhecem como uma conquista social de reparação, concebida através de lutas travadas por pessoas e grupos que de alguma forma foram excluídos do processo de educação e teve usurpados seus direitos a alfabetização, a educação básica ou a qualquer tipo de educação formal.

Seguramente, quando tratamos de educação, pensar, refletir a seu respeito, traduz-se em pensar, refletir o ser humano. Nesse contexto, observamos que se insere concepção de educar, que condensado, é, também, proporcionar aos sujeitos, a capacidade de interpretar, opinar, discutir nas diversas conjunturas em que estão inseridos, assim como, torná-los capazes e instrumentalizados para operacionalizar a ação, visando um processo formativo de superação, transformação e acima de tudo contextualizado com as vivências dos envolvidos.

Arroyo (2001) reitera fundamentado na teoria freiriana em relação a importância de considerar a vivência dos sujeitos nos processos de educação:

Para Paulo Freire, educar sempre será uma relação de gente com gente, de adultos com crianças. [...] Para Paulo Freire, o caráter renovador da educação está no caráter intrinsecamente renovado de toda a relação humana, entre humanos. Formamo-nos no diálogo, na interação com outros humanos, não nos formamos na relação com o conhecimento. Este pode ser mediador dessa relação como pode também suplantar essa relação (ARROYO, 2001a, p. 47).

Nosso processo educativo acontece, na relação, na interação, no convívio com outros indivíduos, outros seres humanos, assim aprendemos a ser gente, porque convivemos com gente. Para Freire (1983), educar é “construir gente”, humanizar os humanos na ação contra os elementos desumanizadores.

Nessa premissa, a escola é considerada como uma instituição importante na formação do sujeito, e o educador tem papel primordial na organização das ações que farão parte desse processo, daí a importância de se estudar conjuntamente o processo de formação desse educador, como ele concebe sua prática, se reflete sobre sua atuação enquanto educador, o que considera como seu processo de formação, se ele acontece de forma continuada e utiliza essa formação como mecanismo de ajustes a sua metodologia ou considera-o concluído profissionalmente. Tais considerações serão relevantes no decorrer do estudo e tratadas como primordiais para esta proposta de pesquisa.

O conjunto de ideias pedagógicas, sobre o processo educativo, coloca questões e requisitos para a formação de professores, de modo a que ela se faça a partir do conhecimento e da crítica do existente, problematizadora do existente, contextualizada, porque é historicamente datada, localizada e transformadora. Por ser, ela também, uma prática educativa, a formação de professores é tomada como uma prática abrangente em seus conteúdos, complexa em seus requisitos e profunda em sua finalidade. Uma prática que necessita ser permanente. Partindo desse princípio, abandona-se o conceito de formação docente como processos de atualização que se dão através da aquisição de informações científicas, didáticas e psicopedagógicas, descontextualizadas da prática educativa do professor, para adotar um conceito de formação que consiste em construir conhecimentos e teorias sobre a prática docente, a partir da reflexão crítica.

Sobre esta orientação, Imbernón afirma:

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento,

suas atitudes etc., realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes (IMBERNÓN, 2001 p. 48-49).

Para Imbernón (2001), o professor precisa examinar sua prática e contrastá-la com as teorias aprendidas em sua formação e as que surgirão ao longo de sua formação contínua e de sua prática, que esse sujeito se autoavale, reveja suas atitudes, rememore e reflita suas ações pedagógicas criticamente, e que essas ações reforcem sua prática metodológica e sua formação de forma mais efetiva.

Nóvoa (1988) discute sobre uma nova teoria da formação, com base nas experiências e nos aspectos relacionado as histórias de vida, dando destaque método (auto)biográfico e sugere uma hipótese a respeito dessa questão partindo da concepção que permite ao sujeito pensar na ação, e partindo daí construir sua própria formação com base num “balanço de vida”, iniciando do processo de reflexão da sua trajetória de vida, indo além da inquietação apenas com o seu avanço docente futuro.

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões de formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ (NÓVOA, 1988, p. 116).

Segundo Nóvoa (1988), o envolvimento do sujeito no seu próprio processo de formação é essencial na investigação com a abordagem biográfica, na proporção em que o sujeito elabora o entendimento sobre sua trajetória, faz um retrospecto, uma análise dos acontecimentos que marcaram asua história de vida,

tornando-o protagonista do seu processo de formação pessoal e profissional.

Assim como nos disse Delory-Momberger (2012) anteriormente o relato, não é apenas um produto do “ato de contar”, ele produz efeitos sobre aquilo que relata, é o seu “poder de agir” ocasionando mudanças no sujeito em seu processo de formação, baseados nas histórias de vida.

Como auxiliares para essa formação, contamos com os espaços formativos, eles contribuem com processo de formação do educador possibilitando relações de troca, troca de vivências, reflexões acerca do que está sendo vivenciado. Nessa perspectiva, Souza (2007, p. 69) nos diz:

A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido.

Como salienta Souza (2007), o processo de troca ocorre nesses espaços formativos, no caso a escola, o simples falar e/ou ouvir sobre suas práticas, experiências formadoras já possibilita ao educador múltiplas vivências, e no caso dos alunos jovens, adultos e/ou idosos, essas vivências trazidas de diferentes realidades são riquíssimas.

Pensar a formação do professor envolve pensar o seu saber, a sua identidade, a sua experiência. É necessário relacionar esses fatores, pois, os mesmos, tornam-se elementos constitutivos da prática do docente. Para (TARDIF, 2002, p. 11) [...] o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as

suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc.

Refletir sobre a prática docente é imprescindível quando falamos de formação do professor, esse movimento de refletir sobre a ação pedagógica do educador possibilita que o profissional se reconstitua, se reinvente através de sua ação-reflexão-ação. Assim como afirma Freire (2001):

À proporção que refletimos sobre nossa trajetória profissional enquanto educador, reforçamos nossos pareceres, tomamos consciência de nossos princípios, convicções, valores pessoais e/ou pedagógicos.

Entender o professor do período noturno e o que ele representa com foco em seu trajeto na educação, na sua atuação enquanto profissional, seus conceitos, suas concepções em relação ao ensino nesse período, numa perspectiva de análise e confronto da função que exercem e de sua formação teórico-prática, dentro de uma abordagem (auto)biográfica, com objetivo principal falar das experiências de formação e da (re)organização metodológica.

## **PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA E EJA**

Tendo em vista a necessidade de um trabalho investigativo amplo com os sujeitos e o lócus da pesquisa, além do seu caráter subjetivo, o trabalho será conduzido pela abordagem qualitativa, com ênfase ao método (auto)biográfico, que prioriza as histórias de vida, não apenas como mecanismo de colaboração com a ciência, mas, também como forma de colocar os sujeitos como protagonistas no processo investigativo além da sua essência formativa.

A opção pelo método (auto)biográfico de pesquisa possibilita uma maior aproximação com os sujeitos, mais liberdade para

contar sua história de vida e assim ao enveredar por esse aspecto subjetivo da pesquisa formação, associamos a pesquisa (auto)biográfica como meio importante e indispensável, que proporcionará ao sujeito por intermédio suas narrativas, olhar sobre suas experiências vividas, vislumbrar-se, norteando sua (auto)reflexão o que o levará conseqüentemente a um processo de transformar-se, (re)pensar sua ações e escolhas, no que se refere ao educador (re)avaliar seu trabalho docentes e suas práticas. Pereira (2015) afirma que:

Não apenas narramos, como nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens, e nos encontramos nas histórias biografadas. Nossos saberes se entrecruzam a outros saberes e rememoramos nossas aprendizagens construídas nos caminhos e descaminhos das experiências vividas (PEREIRA, 2015, p. 106).

Percebemos então a importância do papel que as narrativas de si desempenham, não só para pesquisa, mas, principalmente para o sujeito narrador de suas vivências que poderá se encontrar nessa experiência intermediada por suas narrativas transformando-se em seu processo de aprendizagem, em seu trabalho, em suas ações, ou seja, em diversos aspectos enquanto sujeitos e protagonistas de suas histórias.

O que diferencia o método (auto)biográfico dos demais métodos é o que ele possibilita para o sujeito da pesquisa e para o investigador, que ao narrar, ao falar de si, ao escutar suas vivências mergulha num processo reflexivo constante de formação, assim recorreremos a pesquisa (auto)biográfica como ferramenta para apresentar algumas reflexões em torno de sua contribuição para o trabalho docente, essencialmente no que se refere aos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, pois, o método (auto)biográfico permite que seja:

[...] concedida uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem, aliás, da maior parte das metodologias de investigação em ciências sociais (NÓVOA; FINGER, 2010, p. 23).

Partilhando da contribuição de Novóia e Finger (2010) que apresentam a pesquisa (auto)biográfica como um método que respeita a individualidade dos sujeitos como uma de suas principais características, concentramos então nossa pesquisa na metodologia de investigação (auto)biográfica, com utilização das narrativas, o diário de campo e as observações in loco como instrumentos investigativos norteadores, dessa forma reunirei elementos que auxiliarão na composição do meu trabalho científico investigativo.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Uma grande questão sobre ser professor na EJA, que aprendemos ao longo da profissão, ou escutamos em algum curso, que deveria ser obrigatório nos currículos das licenciaturas, versa sobre a valorização, a realidade, as especificidades da EJA, contidas nas obras de Paulo Freire. Para tal precisamos enquanto docentes entender o outro como ser complexo, e no caso dos adultos essa missão de ensinar e aprender com a prática se torna uma tarefa mais complicada, devido à heterogeneidade das salas, pois quando falamos de EJA, temos que saber sobre juventude, adolescência, Andragogia, para tentar entender esse universo complexo das relações humanas que estão acontecendo cotidianamente em nossas salas de aula. Em sua tese de doutorado intitulada Memórias de leituras literárias de jovens e adultos Alagoanhenses, a autora nos diz sobre essas relações na EJA:

A partir desta tumultuada relação pedagógica perguntamos: como ser educador e educando num universo em que a complexidade humana é desconsiderada? Acredito que ser peça dessa engrenagem pedagógica é fazer com que algumas pessoas possam ultrapassar, de modo espontâneo, as barreiras do estabelecido. Ora, para que os atores envolvidos no processo pedagógico possam conseguir interagir, faz-se necessário que consigamos entender a complexidade do comportamento humano, estabelecendo parâmetros de equilíbrio entre o indivíduo que precisa exercer o seu papel profissional (de aluno ou docente) e o mesmo indivíduo que sente, sofre, ama ou odeia (CRUZ, 2009, p. 116).

Dessa forma, como propõe a autora, podemos construir através das relações um espaço mútuo de aprendizagens significativas e de formação, partindo do pressuposto do entendimento da complexidade do comportamento humano. Ainda em sua pesquisa afirma que devemos entender a docência como um exercício do exemplo. Dessa forma para que possamos constituir um ambiente de ensino e aprendizagem é necessário instituímos a cultura do inacabamento, que envolve entendimento de quem nós somos; autoconfiança para criar e recriar; sensibilidade para entender os limites do outro; inteligência para pensar novas alternativas de reencantamento da escola e senso de justiça para promover um ambiente escolar harmônico (CRUZ, 2009, p. 116).

Não podemos perder de vista que a formação do educador está atrelada a sala de aula, ao ambiente de ensino, dessa forma todas as relações sociais que ocorrem nesses ambientes fazem parte do processo de formação desses sujeitos e principalmente da formação contínua dos educadores.

Faz-se necessário enfatizar que para atuar na EJA, as práticas precisam ser voltadas para as especificidades, estas não podem ser fundamentadas somente na idade dos educandos, mas também,

em suas experiências e vivências, em suas características culturais, essas metodologias não devem ser infantilizadas, precisam ser diferentes das utilizadas para os educandos do ensino regular.

Para isso, o educador precisa está preparado para além do campo teórico, ele precisa estar preparado pedagogicamente, para elaborar boas estratégias intervencionistas, junto às disparidades encontradas nas suas turmas da EJA. Tal reflexão deve se estabelecer sobre uma prática individual e coletiva, buscando-se interferências e modificações precisas no que se refere a realidade desses sujeitos que estão em busca de um “lugar” na sociedade.

O professor deve despir-se de qualquer ideia de desvalorização de suas ações e de suas práticas metodológicas, imbicado ao longo do tempo pela política do neoliberalismo dentro da educação e dentro das escolas desmerecendo o verdadeiro papel da educação cidadã e humanizada visando apenas que os estudantes sejam preparados para o mercado de trabalho, gerando um processo competitivo dentro das instituições, deixando de tratá-los como aprendizes e levando os educadores a formalizarem práticas que atendam a esses interesses. Ratificando esse cenário Cruz (2012) afirma em seus estudos:

Nesse paradigma educacional escolar caracterizado por relações mercadológicas, o aluno sente-se desobrigado de ver a escola como um espaço em que encontrarão exerciciada reflexão da sua própria experiência. Ele não encontra nos discursos escolares argumentos possíveis que envidem esforços no sentido de criar alternativas para superar a lógica elitista, classificatória e excludente que orienta a educação vigente, principalmente a educação voltada para jovens e adultos trabalhadores (CRUZ, 2012, p. 36).

Para combater esse modelo de educação neoliberal imposto, que enxerga o aluno apenas como cliente sedento do saber mercadológico, é necessário o educador tenha consciência do

objetivo real do seu trabalho, e que o conduza para o verdadeiro sentido de educar. O caminhar da formação do educador consiste em uma metodologia dinâmica, que propicie um aperfeiçoamento constante desse profissional e conseqüentemente da ação educativa e da aprendizagem mútua dos sujeitos envolvidos no processo.

Embora a educação voltada para Jovens e adultos tenha se apresentado de forma compensatória durante muitos anos, na contemporaneidade tal concepção tem sido reformulada através de mudanças significativas, o que conseqüentemente vem transformando o olhar cultural, quanto ao ensino oferecido no cenário nacional. A principal busca é tornar a EJA um espaço que rompa os limites da formação curricular e certificatória, é torná-la uma construção coletiva. Em que o aluno se torna autor da própria história e alcance o crescimento pessoal e profissional, se transformando em agente político e social. Para isso, faz-se necessário um ensino com enfoque no exercício da cidadania e formação dos sujeitos conseqüentemente na (re)organização da prática pedagógica.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania*. São Paulo, n. 11, 2001.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Memórias de leituras literárias de Jovens e Adultos Alagoanhenses*. 196 f. il. 2009. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor*. Salvador: EDUNEB, 2012. 228p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisabiográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, set-dez. 2012.

FREIRE, A. M. A. (Org.). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. (Série Paulo Freire). Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2001.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias de vida. NÓVOA, Antônio. *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora-LDA, 1992,

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PEREIRA, Áurea da Silva. Práticas de Pesquisa Autobiográfica. *Letramentos, Memórias e Narrativas*. Curitiba, PR: CRV, 2015. v. 122 p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). *(Auto)biografias e Documentação Narrativa: rede de pesquisa e formação*. Salvador: EDUFBA, 2015.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.